

Transcrição de Entrevista 5

Características	
Sexo	Feminino
Idade	68
Estado Civil	Casada
Agregado Familiar	Marido
Nível Educacional	3º Ano
Situação Laboral	Doméstica

Tabela – Características Sócio-Demográficas

Entrevistadora: Queria começar por saber como é que é o seu dia-a-dia, o que é a senhora faz desde manhã que acorda até à noite?

Participante: Meu amigo lido, faço aqui a coisa, a vida de casa, e ando aí pelo quintal a lidar, às vezes vou até aos campos e ando aí assim.

E: Então é a senhora que trata da comida, das compras...

P: Sim, sim!

E: É a senhora que trata da limpeza...

P: É, é... limpo eu, limpa aquela minha irmã. Limpamos as duas.

E: Este é um dia normal para si, acorda...

P: É, é! Acordo cansada, de noite... de noite durmo muito mal dos ossos.

E: E depois quando acorda, o que é que faz?

P: Vou ao quarto de banho, faço a higiene diária... faço o pequeno-almoço e tomamos.

E: Então é a senhora que costuma fazer as compras...

P: É! Às vezes, o meu marido também vai fazer as compras... às vezes imos os dois, outras vezes vai ele.

E: E quem toma conta dos medicamentos...

P: Ai, dos medicamentos, sou eu. Sou eu sempre, isso não saem dali, tenho ali uma saquinha.

E: E a senhora toma conta dos seus medicamentos e do seu marido?

P: Não, do meu marido toma ele. Eu tomo dos meus. Cada um, toma dos seus.

[...]

E: O que é que a senhora sabe da sua doença?

P: Eu da minha doença sei pouco. Só sei que, às vezes fico assim muito mole, com as pernas muito quebradas, muito... com dores de cabeça... às vezes com tonturas.

[...]

E: E sabe como é que se trata, o que tem que fazer?

P: Tenho que tomar os medicamentos... a tempo e horas.

E: Olhe e acha que a sua doença é... compreende bem a sua doença ou acha que é confusa?

P: É a confusão... a gente às vezes ouve na televisão certas coisas... na televisão não põe medo, dizem que é uma doença do dia-a-dia, pode a gente fazer uma vida normal. Eu não me assusto muito... com os diabetes, não me assusto.

E: Então a senhora lida bem com a diabetes?

P: Lido! Não me assusto.

[...]

E: Depois conseguiu controlar bem a doença?

P: Consegui, tomo sempre os medicamentos... sempre, lá nisso sou bastante regradada. Comprimidos, insulina... a médica já me quis dar insulina e eu não quis. Não quero, que me mete confusão espetar. “O seu marido ajeita” e eu: “eu não senhora doutora, eu não!”.

E: E com os medicamentos chega para controlar a diabetes?

P: Chega! Já os tenho tido a noventa e cinco, já os tenho tido a cento e quarenta cinco, já os tenho tido a duzentos e tal, é conforme.

E: Mas, faz mais alguma coisa além dos medicamentos para controlar a diabetes?

P: Não como assim grande... como hortaliças, mas eu não vou nada em hortaliças, só na sopa, na sopa é que é sempre, todos os dias na sopa, hortaliça. Do resto, não faço assim muita dieta.

E: Come normal, como comia?

P: Normal... o que é que já evito, não como doçuras, tenho adoçantes... faço uma coisa normal, a gente não come assim grandes gorduras... peixe de vez em quando...

[...]

E: Na comida, o que é que a senhora faz, quando cozinha?

P: Boto pouco sal, boto pouca gordura.

E: E o que é que cozinha mais?

P: Sopa, batatas cozidas com bacalhau... um arrozinho, assim umas coisinhas. A sopa é que nunca falha, todos os dias.

E: E cozinha diferente para si e para o seu marido?

P: Não, não é tudo igual.

E: E o seu marido não se importa de comer uma comida mais saudável?

P: Não, ele gosta de muito sal, vai e bota sal na comida dele.

[...]

P: [...] Ainda agora, até ando aqui de um braço... amanhã, à médica tenho que pedir para fazer fisioterapia... vejo-me arreliada com as dores.

E: Olhe desde que tem a doença tem tido sintomas, tem-se sentido mal com o corpo?

P: É mal do corpo, o corpo sempre dores, um pouco os braços, outro pouco as pernas, outro pouco as costas.

[...]

E: E a senhora pensa nisso (complicações), tem medo disso?

P: Ai, eu não penso nada! Quando morrer... a gente morre, não fica cá.

E: A doença não a preocupa muito, a diabetes?

P: Não, não me importa. Não, não penso muito nisso. Tomo os medicamentos, faço a minha lida, não me prendo muito em casa, vou dar umas voltas.

E: Costuma andar?

P: Às vezes vou aos campos... andar muito pelos caminhos, não. Não sou muito caminheira. Lido, vou para aí uma dúzia de vezes ao quintal, vou ao tanque de lavar, faço a minha lida.

E: Costuma ir às consultas?

P: É às consultas é que vou todos os... vou de três em três meses. Quando me faz falta ir mais cedo que tenha um problema qualquer vou, marco uma data e vou. Lá isso é que eu cumpro sempre... e os medicamentos, que a médica receita, isso é que não falha, não os deixo acabar para ir buscar outros. Os medicamentos e as consultas, eu cumpro sempre.

E: E costuma se picar para ver os valores? Tem máquina?

P: Ai, tenho ali, tenho o aparelho, mas não quero. Não gosto! Aquilo faz-me muita confusão, tem muitas coisas. Não quero saber, só quero saber quando vou lá (consultas)! Do resto, não quero saber se tenho muito altos ou muito baixos. Só lá, não quero, não quero!

E: Então não vigia muito...

P: Não, não vigio não.

E: E costuma ter outros cuidados? Costuma fazer exercício? Os médicos dizem para fazer exercício?

P: Eles dizem para eu caminhar, para eu andar aí uma meia horinha, mas eu caminho, eu daqui até ao quintal, do quintal até aqui, pelas escadas abaixo, vou a uns campos, vou e torno vir.

E: E dizem para vigiar os pés?

P: Sim. Para ter cuidar, para a gente lavar os pés, para limpar muito limpo.

E: E a senhora costuma...

P: Costumo! Ah isso tenho muito cuidadinho, tenho as minhas unhas muito limpinhas e os meus pezinhos muito limpinhos.

E: Só não se pica aqui em casa...

E: Não, não, isso não quero, não tenho paciência para estar ali a picar o dedo. Tenho tudo o que me faz falta para fazer, mas não faço. Não quero saber, eu só sei os diabetes quando lá vou, do resto não quero saber se estão altos, se estão baixos para não me assustar. Estar a picar todos os dias, de manhã e á noite, não tenho paciência, não. Se tivesse outra pessoa aqui em casa que me fizesse isso, eu não me importava. Eu não!

E: E o seu marido não a ajuda?

P: Não, ele ajudar... ele diz-me ele que se fosse ele não tomava tanto medicamento.

E: E o seu marido também não sabe muito bem...

P: Esse não sabe o que é a diabetes, que eu às vezes ralho com ele... por causa da alimentação e do sal, mas ele não quer saber.

E: O que é que mudou na sua vida após saber que era diabética? O que mudou na sua rotina?

P: Mudou na alimentação, mais um bocadinho a alimentação, senão faço uma vida normal. Faço uma vida normal como fazia dantes, agora não trabalho tanto no campo, porque não posso, por causa dos ossos. Noto que não posso trabalhar tanto quanto trabalhava.

E: Acha que mudou, por exemplo na forma como se sente?

P: Ai mudou, mais dores nos ossos... mais, às vezes mais tonturas, mais nervosa. Mais nervosa, porque me sinto assim cansada e queria fazer e não posso. Sinto-me mais deprimida, fico a cismar que qualquer dia chega a nossa vez. Às vezes, temo porque só sou eu e o meu marido, e cismo que um dia o meu marido vai ou eu e um fica desamparado.

E: Então não pensa muito na diabetes?

P: Penso, penso que é uma doença, penso que é uma doença. Mas eu vejo tanta gente nova com os diabetes, é por isso que eu até nisso dos diabetes não cismo muito, cismo mais na morte e no querer fazer as coisas e não poder.

E: Acha que a diabetes afectou a sua vida familiar, a sua família?

P: Talvez... não sei. O meu marido não me diz nada, antes pelo contrário, diz: "ai se fosse eu não tomava tanto medicamento, tantos medicamentos. Eu não tinha cabeça para tomar isso!".

E: Na relação com o seu marido, a doença afectou alguma coisa?

P: Ai, a ele não afectou, que ele não pensa o que é a diabetes, para ele os diabetes isso não tem nada, não é nada. Antes pelo contrário!

E: E da alimentação, diz alguma coisa?

P: Nada! Só diz: "as dietas ainda matam a gente mais depressa!".

E: Pronto e como é que a senhora se tem tratado?

P: O tratamento é tomar os medicamentos a toda a hora, de manhã e à noite. Os diabetes é de manhã e à noite. Depois tomo para a tensão, tomo para o colesterol, tomo para o coração, pronto.

[...]

E: Porque é que acha que se deve tratar a diabetes?

P: Para não dar trombozes, talvez. Pode a gente perder dos ossos, é isso que eu também temo muito, é ficar presa numa cama. Também temo muito a cegueira, se é para ficar cega antes quero morrer. Ai isso é que me preocupa muito.

[...]

E: Acha que pode fazer alguma coisa para melhorar?

P: Não sei! É na alimentação, talvez e tomar os medicamentos a horas e a gente andar um bocadinho.

E: Acha que o tratamento que faz é útil, é eficaz? Acha que controla a doença?

P: Não, eu acho que não. Se tiver de aparecer, aparece.

E: O que é que acha que podia controlar a doença?

P: Eu acho que o que podia controlar a doença era morrer. Só a morrer é que a gente não sentia mais nada.

E: Acha que é difícil cumprir o tratamento?

P: Não, não é difícil. O andar é que me custa andar, porque tenho um joelho mais ruim.

E: O que é que é mais fácil cumprir no tratamento?

P: Tomar os medicamentos.

E: E o que é que será mais difícil?

P: A alimentação é, porque eu em peixe não vou nada. O que como melhor é a sopa e o leite.

E: Costuma comer muitas vezes por dia?

P: Como, como, bastantes. O médico disse para comer para aí seis a sete vezes. Um dia o meu marido fez queixa à médica que eu comia muito, que estava a sempre a comer. E ela disse-lhe: “ela tem que comer, sete ou oito vezes!”. Eu quando dá fome, estou sempre a comer. No inverno, sendo as noites grandes, eu ponho-me a pé, aqueço o leite, ponho bolachas no leite e como. Depois o meu marido começa... a ralhar que eu até de noite como. Ai, ai se me der a fome eu tenho que comer seja onde for, senão começo a sentir uma fraqueza.

E: Quem é que a apoia ou ajuda na doença e no tratamento?

P: Vou às consultas, mas mais ninguém me dá apoio! Mais ninguém, tenho que ser eu!

E: O seu marido não a apoia na doença?

P: (risos) Ai isso! Ele não sabe o que é a diabetes, pensa que é uma brincadeira!

E: Alguém a ajuda na medicação, alguém vai consigo às consultas?

P: Ele vai comigo às consultas, mas a medicação está ali e eu é que tenho o cuidado de a tomar, mais ninguém, sou eu.

[...]

E: Acha que ainda é a mesma pessoa?

P: Não, mais triste, mais nervosa, isso. Porque já vou indo para a velhice e não me sinto com forças para nada.

E: Gostava de trabalhar mais?

P: Pois, gostava, gostava. E depois, às vezes sinto-me desanimada, por não...

E: Então no seu dia-a-dia sente-se uma pessoa doente?

P: Sinto, sinto.

[...]

E: Obrigada dona (omitido para preservar anonimato)!

P: Sim senhor!